

DRAUZIO VARELLA

A teoria das janelas quebradas

Crônicas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Drauzio Varella

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

warrakloureiro

Imagem de capa

© Roc Canals Photography/ Getty Images

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Marise Leal

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Varella, Drauzio

A teoria das janelas quebradas : crônicas / Drauzio Varella. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1694-2

1. Crônicas brasileiras I. Título.

10-05406

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Um chope gelado	9
Conversa de botequim	12
O sobrevivente	16
As leis do Crime	19
Luizão, o bem-amado	22
Na catraca do metrô	26
Noite inesquecível	30
O homem que virou santo	33
O negociador	37
Paulo Preto	41
Seu Araújo	44
Solidão bandida	47
Homens que são mulheres	50
Vida de ladrão	54
Um vulto de mulher	58
A moça do avião	61
Uma rua em Hanói	64

A sabedoria do velho Tibúrcio	67
Viagem ao passado	71
Seu Nicola	74
O taxista	77
Coração amargurado	80
Sete Dedos, Meneghetti, Promessinha	83
Acontecimentos inesquecíveis	86
Os sabiás de São Paulo	90
Salva de palmas	93
De pernas para o ar	97
Armadilhas cibernéticas	100
Vicissitudes aeroportuárias	103
A preguiça humana	106
A agonia da espera	109
De terno e gravata ou revólver na mão	112
Beco sem saída	116
Cidade Maravilhosa	119
A condição humana	122
Coração e futebol	125
A cultura dos chimpanzés	128
Desencontros sexuais	132
As estrelas que o deputado viu	136
Dinheiro marcado	140
Éramos todos negros	143
A força do pensamento	146
O flamboyant da Doutor Arnaldo	149
Estratégias sexuais	153
A teoria das janelas quebradas	157
Lei seca no trânsito	160
Macacos intelectuais	163
Maconheiro velho	166
A trajetória da cocaína	169

Óleo de rícino	172
Instinto materno	176
Por acaso, a vida	180
Textos apócrifos	183
As grandes e as pequenas tragédias	187
Panaceias modernas	190
Gemei neste vale de lágrimas	193
Restrição do espaço e violência	197
Código pirata	201
As cinco teorias de Darwin	205
Novo ano	209
Bem-vinda	212
Imagens de Mianmar	215
Procedimentos medievais	218
A intuição da minha avó	221
O sexo frágil	224

Um chope gelado

Chego a sonhar com um pouco de tempo livre. Não precisava muito, bastariam algumas horas à toa sem sentir que estou cabulando aula, prejudicando algum cristão ou cometendo um pecado capital. Hoje em dia, o trabalho parece uma draga que, quanto mais terra abocanha, mais encontra para cavar.

Nos anos 60, assisti a um debate na USP sobre o destino que o homem do ano 2000 daria ao tempo livre. Os debatedores partiam da suposição de que na virada do século as máquinas fariam o trabalho com tanta eficiência, que quatro horas seriam suficientes para a jornada do trabalhador. Nessas condições, como evitar que a ociosidade o levasse ao alcoolismo, à angústia das especulações existenciais e ao suicídio?

É possível imaginar previsão mais equivocada?

Anos atrás comprei um fax. Quando dei conta, acordava mais cedo para ler os rolos de mensagens que chegavam uma atrás da outra. Vieram o computador e o celular conectado à internet, e me transformei num ser “on-line”, verdadeiro ambiente

ambulante que instala seu inferno particular onde quer que se encontre.

Antes que você, leitor, imagine que ouvirá uma daquelas apologias da vida na época das cavernas, deixo claro que entre meus defeitos não está o de ser saudosista e que o desabafo acima é simples preâmbulo à história que se segue.

Quando entrei na faculdade, ouvi falar das habilidades cirúrgicas de um colega que tinha acabado de completar a residência médica. Corria a fama de que operava mais depressa e com técnica mais acurada do que muitos professores, além de se relacionar de forma solidária com os pacientes mais humildes, qualidades que nem sempre caminham pela mesma estrada.

Não cheguei a conhecê-lo nem tive notícias de seu paradeiro por mais de dez anos, até o dia em que falamos por telefone pela primeira vez. Queria que eu orientasse o caso de uma senhora que ele havia operado de um tumor maligno disseminado em ambos os pulmões.

Foi o início de uma parceria profissional que durou quinze anos.

Seu consultório ficava na avenida Celso Garcia, via de acesso para a populosa Zona Leste. Cobrava preços módicos de sua clínica formada por pequenos comerciantes, operários especializados, trabalhadores autônomos e suas famílias. Começava a operar às cinco da manhã, para conseguir dar conta das consultas que o aguardavam a partir da uma da tarde.

Quando precisávamos discutir algum caso, esperava para chamá-lo depois de terminar minhas consultas, às nove da noite: não havia risco de que ele tivesse ido para casa. Numa época em que os cirurgiões com clínicas nos bairros de classe média alta se queixavam da falta de clientes particulares, eram raros os dias em que não tinha duas ou três cirurgias marcadas.

Os pacientes se referiam a ele com admiração, e relatavam

casos pessoais ou de entes queridos tratados com abnegação e competência.

Sempre me impressionou a acuidade com que analisava os quadros clínicos e as linhas gerais da personalidade dos pacientes, bem como a presteza da memória quando descrevia achados operatórios e resultados de exames laboratoriais de tão vasta clientela.

Num fim de tarde perto do Natal, ele me ligou:

— Trabalhando com esse calor?

— Achou que eu estaria onde? — respondi.

— Tomando um chope bem gelado.

— Se tivéssemos juízo, é o que deveríamos fazer — observei.

— Há quinze anos, nós nos falamos pelo menos uma vez por semana sem nos conhecermos pessoalmente. Se passarmos na rua um pelo outro, seguiremos adiante. Você, para mim, é uma voz de barítono.

— Absurdo, não? Por que não nos encontramos um dia des- ses para tomar chope e nos apresentarmos?

Combinamos fazê-lo assim que passassem as festas.

Desde então, voltamos ao assunto em vários de nossos telefonemas, mas nunca dava certo; às vezes por minha culpa, outras por causa dos compromissos dele.

Um dia, no café da manhã, leio no jornal um anúncio fúnebre com seu nome. Mal pude acreditar, tínhamos conversado por telefone dois dias antes.

No velório encontrei alguns colegas de faculdade e muitos de nossos pacientes. Ao lado do caixão, uma mulher de preto, pá- lida, de óculos escuros, abraçava duas jovens desconsoladas, pro- vavelmente filhas do casal. Meu amigo jazia entre rosas brancas, de terno azul-marinho. Ao contrário do que sugeria a voz grossa, era baixo e magro; tinha sobrelhas espessas, barba cerrada e a fisionomia tranquila.